

Europa Alargamento

Visão Estónia: o futuro da e-Europa

Mart Laar

Em 1929, um dos fundadores do Movimento Pan-Europeu, Karel Robert Pusta, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Estónia, escreveu: «Tudo o que fortalece a unidade europeia fortalece a nossa independência nacional. Ao apoiar a união Pan-europeia estamos a trabalhar em prol da nossa independência, prosperidade económica e cultura nacional». Em 1940, Karel Robert Pusta foi obrigado a fugir da sua terra natal, tendo sido posteriormente condenado à morte pelos invasores comunistas.

Hoje, podemos repetir as suas palavras: tudo o que fortalece a unidade europeia fortalece a independência nacional dos Estados europeus. Alguns vêem nesta verdade simples uma contradição, mas a Europa está cheia de contradições. O maior valor da Europa é a grande unidade na diversidade. Todas as nações e culturas da Europa mantiveram as suas raízes e identidade, mantendo simultaneamente a abertura – umas para as outras e para o Mundo.

Somos diferentes e estamos unidos. Esta é a nossa força. Esta é a verdadeira identidade europeia. Mas esta é também a razão que leva os povos europeus a querer saber para onde caminha a Europa, qual é o seu objectivo, qual é o seu futuro. Os europeus querem respostas, agora.

Os europeus receiam que uma maior abertura e cooperação possa levar ao desaparecimento de elementos importantes. Os povos valorizam a sua herança e a sua identidade, amam a sua língua e as suas canções, têm uma grande necessidade de manter as suas raízes. Quanto mais pequena é a nação, mais consciente está do risco de perder a sua identidade e mais frágil se sente. A Europa deve mostrar que é solidariedade, que é um projecto de protecção das nossas culturas. A União Europeia deve demonstrar que é a melhor guardiã das nossas identidades nacionais contra a ameaça do *melting pot* da globalização, que pode unir de forma efectiva as diferentes heranças nacionais com abertura e solidariedade.

O que esperam os cidadãos dos políticos europeus? Penso que querem ser ouvidos – que não só os seus governos sejam ouvidos na Europa, mas que a sua própria voz seja também escutada. Querem a Europa dos cidadãos, querem que o poder regresse a quem pertence

de direito – a eles próprios. Querem mais liberdades e regulações razoáveis que protejam as suas liberdades.

Como os homens são iguais, também os povos o são. Temos pequenas e grandes nações na Europa, e precisamos de ambas. Logo, todas as nações europeias – grandes ou pequenas – têm os mesmos votos quando estão em causa decisões importantes. O tamanho não pode levar a um domínio das grandes nações sobre as pequenas; as nações são criadas por indivíduos que devem ter igualdade de direitos.

Um Parlamento Europeu forte deve ter duas câmaras. Numa, o voto alemão deve ter o mesmo peso do voto estónio, pelo que os alemães devem ter mais lugares do que os estónios. Na outra câmara, Malta deve ter tantos lugares como o Reino Unido. Ao princípio, pode ser difícil de aceitar mas é a única opção viável e justa. Somos criados iguais e só podemos permanecer juntos em igualdade. Tanto os indivíduos como as nações devem ser tratados com equidade. Como atingir este objectivo e, simultaneamente, tornar a Europa mais eficiente e transparente? A minha resposta é clara: mais solidariedade e igualdade, coesão e divisão clara de competências.

É claro e compreensível que uma União Europeia democrática deve basear-se em procedimentos democráticos bem definidos. Precisamos de um Parlamento Europeu forte, com plenos poderes legislativos nos assuntos da União. A sua primeira câmara deve representar de forma equitativa todos os cidadãos da União Europeia. A segunda câmara – Senado – poderia ter cinco senadores democraticamente eleitos em representação de cada Estado membro. Considero este modelo como sendo o que melhor assegura, a longo prazo, um equilíbrio entre os interesses dos grandes e dos pequenos Estados membros.

O poder legislativo deve ser apoiado por uma capacidade executiva eficiente. A Comissão deve obter um mandato forte do Parlamento Europeu. 20 ou 25 senadores poderiam propor a candidatura à presidência da Comissão. O candidato(a) devia obter a maioria (50% mais um) dos votos da lista do Senado para garantir a eleição. Outra hipótese seria a constituição de um colégio eleitoral das duas câmaras, com a eleição em duas voltas, por maioria simples, do candidato mais votado.

O presidente da Comissão deve ter um mandato do senado para escolher os comissários, o que lhe daria a possibilidade de formar a sua própria equipa política. A única limitação deveria ser a obrigatoriedade de ter um comissário de cada Estado membro. A Comissão será, obviamente, responsável perante o Parlamento. O objectivo de uma tal reforma será

garantir aos cidadãos de todos os Estados membros que os seus interesses são devidamente protegidos pelos seus representantes eleitos. Penso que este é o mais importante objectivo que devemos prosseguir, de uma forma ou de outra. A moderna tecnologia e a e-Europa podem ser importantes instrumentos para alcançar este fim.

À medida que a Estónia avança na via para a integração europeia, há uma interrogação cada vez mais premente: a União Europeia precisa que a Estónia seja membro? O que podemos oferecer à Europa que possa garantir que a nossa adesão também trará benefícios à União? Temos que dar novas ideias, novas soluções e novas oportunidades.

A Estónia tem estado na liderança da implementação do e-Governo. A ideia deste programa é devolver o poder ao povo, dando-lhe maior acesso às questões públicas, à informação e à tomada de decisão. O portal de Internet da Estónia – «mudem o mundo» – está a dar aos cidadãos a possibilidade de propor leis e decretos, que podem seguidamente acompanhar até à fase de decisão.

O novo sistema electrónico das reuniões governamentais foi criado há dois anos, com o objectivo de construir um verdadeiro e-Governo, sem papeis. O designado e-Governo não é decorativo. É uma forma de poupança de dinheiro. Os custos da sua criação alcançaram 160 000 euros, mas considerando somente a enorme quantidade de papel que se poupa, significa uma poupança anual de, pelo menos, 60 000 euros.

A Estónia pode oferecer outras soluções inovadoras. Em tamanho, somos um pequeno país, o que nos possibilita fazer coisas que são impossíveis em países maiores. Podemos experimentar e aprender. A Estónia está na encruzilhada entre o Leste e o Ocidente. Pertencemos ao Ocidente mas conhecemos o Leste. O alargamento da União Europeia até às fronteiras da Rússia torna este conhecimento particularmente relevante.

O que é realmente importante é fazer tudo isto em conjunto. A Europa só pode ser bem sucedida com uma verdadeira cooperação entre os seus Estados membros. É necessário que todos nos orgulhemos da Europa, que tem que dar o seu melhor no presente Novo Milénio.